

O porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos

Abordagem das Fontes

Manuel António Fernandes Moreira

O Porto De Viana Do Castelo na Época dos Descobrimentos

Abordagem das Fontes

Manuel António Fernandes Moreira *

Heidegger (1905-1976), pensador alemão que dominou a investigação filosófica do século passado e legou à humanidade novos conceitos acerca do “sentido do ser”, definiu a verdade ontológica como uma desocultação (alétheia) das coisas ou, por outras palavras, como uma revelação - manifestação - desvelamento da realidade ao intelecto e sentidos do homem. Só depois será possível estabelecer a “adaequatio intellectus et rei”.

O historiador, quando investiga a verdade dos factos históricos, vive idêntico fenómeno, com uma única diferença, isto é, os factos são pretéritos. Jazem encobertos pelo véu do tempo e enterrados pelo esquecimento. Mas é possível que renasçam ou se dê uma segunda “desvelatio” através da apreensão dos vestígios que sobreviveram à “morte histórica”. São os documentos. Funcionam como “telescópios do tempo”, revelando o oculto, ou como fontes cuja água é capaz de lavar a poeira empedernida que oculta a verdade. A história constitui a ciência da “alétheia” existencial. Por ela o passado reencarna, desvelando-se.

1. O Porto de Viana constitui, nos séculos XVI e XVII, mercê das circunstâncias históricas proporcionadas pelos Descobrimentos e pelas condições excepcionais de ordem geográfica, em que se integrava, um fenómeno paradigmático de oportunidade e manifesto triunfo. Cedo se transformou no verdadeiro pulmão da sociedade e economia da região nortenha do País bem como num poderoso hinterland, cujos contornos abrangia os dois Atlânticos, Norte e Sul.

A este respeito os testemunhos não se fazem rogados. Na verdade sabe-se, com certeza, que no final de quinhentos estavam matriculados, no seu âmbito, perto de uma centena de navios de alto bordo, neles laborando para cima de trezentos “homens do mar”. E o número daqueles que indirectamente nele colaboravam, desde o simples artesão ao mercador-banqueiro, não lhe era inferior.

O segredo do seu enorme êxito residiu no aproveitamento eficaz da conjuntura suscitada pelas descobertas, no grande número de privilégios concedidos pelo rei ou igreja e na sábia exploração das rotas marítimas desenvolvidas à margem do monopólio régio. Na sua história deste período, acima referido, é possível distinguir três fases. A primeira desenvolveu-se no século XV. Os seus navios estabeleciam a ligação entre o Mediterrâneo e a Europa do Norte. Foi a época da comercialização dos panos do Norte, das frutas até o ferro e madeiras de Biscaia, do sal e produtos agrícolas da Europa do Sul. Mais tarde, desde finais da mesma

* Professor do Ensino Secundário, Investigador de temáticas associadas ao espaço de Viana do Castelo.

centúria, a referida rota estende-se até às ilhas atlânticas dos Açores e Madeira. O porto de Viana converte-se no principal fornecedor de tecidos àquelas paragens. Finalmente, no último quartel do século XVI, os vianenses aparecem fortemente envolvidos na produção e comércio do açúcar brasileiro. É o momento áureo deste porto. O negócio é lucrativo. Construíram-se enormes fortunas. A fisionomia da Vila transforma-se rapidamente. Os nobres “descem até à ribeira” na mira da riqueza fácil, ora agiotando ora casando com filhas de burgueses. O clero regular monta à volta da urbe uma cintura de conventos e mosteiros, destinados a moralizar e impedir o avanço das heresias. Ao mesmo tempo uma numerosa colónia de mercadores nórdicos, atraídos pelo lucro fácil, se estabelece em Viana, dedicando-se à venda de pão do Báltico e ao envio de açúcar para os países ribeirinhos do mar da Mancha, que os piratas da região aceitavam e aos vianenses convinha.

Paralelamente desenvolveu-se a indústria das pescas dos mares longínquos da Terra-Nova. Acontecia na época da crise do comércio. O bacalhau converteu-se num óptimo alimento de viagem na rota do Brasil devido ao seu poder de conserva. Não admira que, no princípio do século XVI, os navios de João Álvares Fagundes, andassem por aquelas paragens na descoberta de ilhas que pudessem funcionar como pontos de apoio para os pescadores. A importância deste facto para a economia nacional levou D. Manuel a conceder-lhe o título de capitão donatário. Infelizmente tarda o reconhecimento internacional da atribuição a João Álvares e seus marinheiros do notável feito da descoberta do Canadá.

A acção do Porto de Viana fez-se sentir deveras na colonização das Ilhas Atlânticas e do Brasil. A propósito, à falta de estudos de pormenor sobre o assunto mormente em relação à emigração para Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, na época do ouro e dos diamantes, lembro, a propósito, dois factos e dois nomes. Trata-se da atribuição da capitania de Porto Seguro, no Brasil, ao vianense Pero do Campo Tourinho por D. João III, que explorou em meados de quinhentos até cair em desgraça. O outro diz respeito a Bento Maciel Parente, natural de Caminha mas Vianense por casamento, a quem Filipe III atribuiu a capitania do Cabo do Norte, situada entre os rios Amazonas e Oiapoque.

Com a queda da exportação do açúcar brasileiro para a Europa do Norte, substituído pelo seu congénere das Caraíbas de produção holandesa, aliado ao assoreamento do rio Lima e corte de privilégios portuários pelo Marquês de Pombal ao criar os monopólios das Companhias Gerais, o Porto de Viana entrou num período de longo letargo, que parece ter acabado na última década de oitenta.

2. A maior parte da documentação referente ao Porto de Viana encontra-se guardada nesta cidade. Não admira. São livros de sisas, décimas, fintas, vereações, receita e despesa do Município, cartas, visitas de saúde, etc. Faltam, porém, os livros da Alfândega, ou das Dízimas, que referenciam as entradas e saídas do porto. Fonte riquíssima. Infelizmente a desgraça é geral. Deveriam encontrar-se nos arquivos nacionais, pois faziam parte do espólio régio.

Não há arquivo em Viana, quer privado quer público, que, directa ou indirectamente, não fale do Porto desta cidade. Existem espólios de famílias, noutros tempos notáveis, que guardam verdadeiras relíquias. Alguns estão a ser inventariados, devidamente resguardados e encaminhados. Relativamente ao assunto em epígrafe vou destacar três acervos. O Arquivo Municipal (AMVC), o Arquivo Distrital (ADVC) e Arquivo da Sé (ASVC).

O primeiro, isto é, AMVC, está sediado no edifício da Biblioteca Municipal, Rua Cândido Reis, com conservador próprio, é deveras rico e a respectiva documentação encontra-se bem preservada e devidamente catalogada segundo as regras mais elementares da arquivística. Destacamos os seguintes títulos do seu Catálogo:

Receita e Despesa, desde 1511; Livros de Sisas, de 1571 a 1798; Finta ou Pedido nas Cortes de Almeirim - 1549; Livros de Décimas, de 1643 a 1816; Tributo de 4,5 % de 1698 a 1757; Livros de Coimas, de 1610 a 1891; Livros de Acórdãos, desde 1516 até hoje (são os livros de actas municipais); Livros de Vereações, de 1649 a 1777; Livros de Correções, de 1707 a 1816; Livros de Contribuições, de 1578 a 1595; 6 maços de Cartas Régias; Registos de Leis, desde 1597; Visitas de Saúde, de 1707 a 1828; Matrícula de Mareantes, 1600, 1691, 1790 e 1827; Matrícula de Barcos de Pesca, 1835; Finta de Alpedrinha, 1600; Finta para a Ponte sobre o rio Guadiana, 1517; Livro de Expostos, desde 1700 a 1921; Livros de Ordenanças, de 1617 a 1833; Foral Grande, manuscrito valioso que contém, transcritos, os documentos mais antigos sobre Viana da Foz do Lima; Livro das Navegações e Comércio de Viana, 1566 (provavelmente, no meu entender, o documento mais precioso do Porto de Viana, tratando da sisa de mercadorias daquele ano e seguinte); Livros de Registos, desde 1596.

O Arquivo Distrital (ADVC), através da leitura das séries dos livros notariais e paroquiais, de todo o Distrito de Viana, guarda potencialidades, quase infindáveis, respeitantes a matérias tão diversas como fretamento de navios, procurações, testamentos, transcrição de papéis vários sobre transportes e emigração, naufrágios, profissões, movimento demográfico nas suas diversas vertentes. Neste edifício, situado na Rua Manuel Espergueira Mendes, encontra-se devidamente tratado e agasalhado o arquivo da Misericórdia local, que pode ser apelidado de relevante e, na maioria das séries, sem falhas ou perdas.

Hoje não é possível realizar uma abordagem perfeita à economia e sociedade das comunidades marítimas sem o estudo aprofundado das confrarias e associações de classe. Neste aspecto, em Viana, deve-se salientar duas confrarias: a Confraria do Nome de Jesus dos Mareantes e a Confraria de Santa Catarina. Esta aglomerava os pescadores e tinha a sua sede na capela da mesma invocação, situada na Foz do Lima. O espólio de ambas encontra-se guardado, juntamente com a documentação que resta das outras congéneres, no rico arquivo da Sé vianense (ASVC). Vale a pena consultar os cerca de duas dezenas de maços de papéis avulsos da primeira confraria referida e a vasta colecção de manuscritos, que ocupam uma estante, relativa à confraria dos Clérigos.

Fora de Viana devem ser nomeados o Arquivo Distrital de Braga, ligado à Universidade, do Minho, com a rica série de sisas de Viana para o século XVIII, e a Torre do Tombo, onde só o Convento de São Domingos guarda mais de dois milhares de volumes manuscritos.

É de consulta obrigatória uma vasta bibliografia, sobre o assunto, de que destaco os seguintes títulos:

Manuel António Fernandes Moreira - *Os Mareantes de Viana e a Construção da Atlantidade*, ed. da Câmara de Viana, 1994; Idem - *Os Mercadores de Viana e o Comércio do Açúcar Brasileiro no Século XVII*, ed. da Câmara, 1990; Idem - *A Alfândega de Viana e o Comércio de Importação de Panos*, ed. da Câmara, 1992; Idem - *O Porto de Viana do Castelo e as Navegações para o Noroeste Atlântico*, ed. da Junta Autónoma dos Portos do Norte, 1987; Idem - *O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos*, ed. da Câmara,

1984. José Viriato Eiras Capela - *Viana na Segunda Metade do Século XVIII*, in Terra de Valdevez, 1983; Idem - *Entre Douro e Minho. Finanças, Administração e Bloqueamentos Estruturais*, Braga, 1983. Alberto Antunes de Abreu - *A Pesca e os Pescadores da Viana do Castelo da Idade Média até aos Meados do Século XX*, ed. da Junta Autónoma dos Portos do Norte, 1987. António Matos Reis - *Entre o Sucesso e a Desgraça: Pero do Campo Tourinho, Fundador de Porto Seguro*, 2000.